

Taubaté, 2,4,1907

Rangel:

Burro até aos fundamentos, infiltrado de incapacidades, com as ideias açucaradas, impenetráveis entre si, chocantes, de vidro fosco; o senso da nuance embotado, os dedos incapazes de tatear, as narinas só sensíveis aos cheiros mais violentos, um *engourdissement* geral; a lenta absorção do Helio Bruma pelo “Dr. Lobato”; uma aproximação já menos repugnada, já menos cortada de náuseas, da coisa forense, do tabelião, do auto, do juiz, da quadrilha inteira da Justiça de olhos vendados_ uma lastima, Rangel, uma lastima sem nome o que me acontece, o que acontece a este teu amigo exilado neste lugar provinciano onde a Semana Santa assume foros de Panateneia e o padre Valois é ouvido como outro Bossuet.

Enquanto te escrevo, o foguete e a musica atroam os ares, espantam os silfos invisíveis, matam a tiros de pólvora e guinchos de latão essa incomparavel musica chamada de Silencio. E passa uma bandeira vermelha, chamada o Divino, com fitas pendentes que vão recebendo os beijos de todas as beatas; e corre a salva do Divino para pingamento de níqueis. O Divino é um passarinho amarelo na ponta de um pau. Tudo Africa, neste seculo de Ruskin e do *arbor-day*.

Ha uma semana que estou preso em casa porque lá fora a semana é santa. Ha procissões de pretos e brancos a atravancar as ruas. Nas igrejas, muito consumo de agulhas e fumaças cheirosas, e litánias. Por toda parte, povo_ o nosso povo, essa coisa feia, catinguda e suada. Sovacos ambulantes. A *cohue*, Rangel; a *bohue*, Rangel. A carapinha assanhada, a venta larga “fuzilando”, o coronel, o chale das mulheres, o chapéu-duro e a roupa preta das “pessoas gradas”. Rangel, Rangel... Os olhos cansam-se de feiuras semoventes. Que urbs, estas nossas! As casas são caixões com buracos quadrados. E nem sequer os velhos beirais: inventaram agora o horror da platibanda. Não ha mulheres, ha macacas e macaquinhas. Não ha homens, ha macacões. Raro um tipo decente, uma linha que nos leve os olhos, uma côr, uma nota, um tom, uma atitude de beleza_ nada que lembre a Grecia.

A Plebe, só ela, com o seu *fatras* democratico e religioso, a expluir vulgaridade e chateza. Eu vingo-me lendo Nietzsche, lendo o teu Goncourt, lendo até Kant e Hartmann. Vingo-me quebrando a cabeça nos enigmas insolúveis, Eu, Não-Eu, Sujeito-Objeto, Imperativos Categoricals, Inconcientes, coisas de Schelling, de Lotze, de Fichte_ ideias mumias, como diz Nietzsche. Vingo-me jogando xadrez.

Na sexta-feira santa peguei no xadrez quando o padre pegou na festa, e larguei do xadrez quando o padre largou da festa, entre estouros do sabado da aleluia e espedaçamento de judas.

O Goncourt... agora me lembro que... (perdido o resto)

LOBATO